TL1329-21

V Jornadas de Timor da Universidade do Porto/93

O ENSINO DO PORTUGUÊS E DO LATIM E AS NAVEGAÇÕES

(Timor, Último dia de Portugal)

Comunicação de

Fernando Sylvan

Bicesse 1993

O ENSINO DO PORTUGUÊS E DO LATIM E AS NAVEGAÇÕES

(Timor, Último dia de Portugal)

Fernando Sylvan

Timor, último dia de Portugal. De Portugal Império, obviamente. É fácil de perceber-se que sendo grande e vinculativa a ênfase que se dava ao Império Português, quinto ou sexto maior do mundo, não era possível, quase não era possível conceber-se Portugal só, pequenino, isolado, porque os seus tentáculos históricos, e consequentemente morais, se estendiam e se espalhavam pelo mundo inteiro. Portugal era isso mesmo: o quinto ou sexto maior Império do mundo. Fora isso o resultado das Navegações. Pode-se mesmo dizer que o Portugal com futuro nascera, renascera, com as Navegações, e tudo o que acontecera antes fora apenas a gestão, a formação do pré-Portugal.

De facto, parece que havia, e há, uma fronteira imaginária, imaginária como o são todas as fronteiras, que separava o Portugal de antes do Portugal de depois dos Descobrimentos. E gerações sobre gerações não puderam senão receber o Portugal das Descobertas como a hipótese mais viável da sua compreensão — era esse o ensino e a aprendizagem que se exigia. Independentemente do valor, do intrínseco, da pré-autonomia dos extremos tentaculares que chegavam a terras e mares com outros sabores. A construção do Império, a construção de impérios trazia consigo a ilusão, que levou séculos a desfazer-se, que seria essa a traça definitiva do mundo, o cómodo eterno dos povos que se íam juntando, que eram juntados, e que o pensamento, o coração e os anseios de liberdade tinham ficado metidos e ordenados entre as baias da História. Ora é exactamente a História o único espaço moral que não permite baias, espaço em que todas as previsões, as mais científicas ou as simplesmente intuitivas, são falíveis. É que para compreender-se a liberdade não é preciso saber-se nada, nada do que se entende resultante de ensino, de ensino de filosofia, de ensino de religião, de ensino de Direito. Para compreender-se a liberdade basta que a pessoa esteja despida de tudo, virginalmente despida, e indague do seu futuro, do futuro dos seus filhos, do futuro do seu povo. Quer dizer que o sentimento de liberdade é intrínseco do ser humano e que não há baias que o suportem ou comportem. Pode é hibernar, hibernar longamente, e o tempo de hibernação pode ser de séculos ou de milénios, mas tem seu acordar num dia qualquer. E, então, visitado, revisitado e com vozes sociais e políticas coevas, quero dizer, contemporâneas do tempo em que se manifestam os sinais de liberdade e se conhecem já os meios para o propor. Mesmo que o gesto esteja antecipadamente entregue ao insucesso. Só assim é que se compreenderá porque é que em 1971, ainda com Portugal agrilhoado pelo fascismo, eu tivesse reque-

rido ao parlamento português, que então se designava Assembleia Nacional, eu tivesse requerido, repito, autorização para me apresentar como peticionário por considerar que os povos de Timor-Leste não usufruiam da plenitude dos seus direitos. É claro que o espaço de manobra era muito curto, que eu não fui autorizado a ir falar ao parlamento, mas em Portugal e no estrangeiro jornais falaram disso. Incomodei, pelo menos. E da mesma forma quando, pouco depois, escrevi e divulguei este poema, Luta:

Pássaro sem espaço
Rio sem leito
Árvore sem floresta

Mas dou sinais de mim!

E esta opinião sobre a liberdade e direitos humanos tem completo cabimento, porque é isso que justifica os povos. Desde sempre, durante as muitas dezenas de anos que já vivi, que oiço dizer, a propósito disto e daquilo, do ensino, da administração, do comércio, mesmo a propósito disto e daquilo, que Timor era muito longe. O longe era sempre a justificação; mas o longe faz parte do movimento do homem, da vida. E prova-se, então, que o longe perdeu a validade quando o resto do mundo se deu conta de que Timor Leste, Timor Maubere, denodadamente, lutava pela sua liberdade. Timor ficou, então, mais perto de Portugal. E também dos outros povos. Antes, nunca os portugueses na metrópole tinham sentido tanto que, afinal, Timor estava bem perto. Sobretudo na era de Xanana Gusmão encurtara-se o caminho e fixara-se a distância inteligente. E digo era de Xanana Gusmão porque, assim, englobo, e abraço, todo o povo e todo o tempo da Resistência maubere. Xanana é o símbolo. De todos nós, para todos nós.

Desde os Descobrimentos, gravou-se mesmo no espírito dos descobridores que os descobertos eram povos inferiores, gentes de menos capacidade para desenvolver a inteligência e garantidamente de menor sucesso na aprendizagem. Apesar do que se provava no acompanhamento desde o princípio do ensino/aprendizagem da língua portuguesa e, até, do latim, onde e quando ele também foi dado a alimentar. E, contudo, apesar de uma certa e empírica recusa, Portugal do depois só se entende com a Consciência d'Além-Mar. Daí o meu poema

Portugal

Eu sei que insobrevives
e te não encontram
sem as minhas vozes livres

Ao falar do ensino/expansão da língua portuguesa e do latim, falo da igreja. Obviamente, da Igreja Católica. Está na memória colectiva a originalidade da for-

ça coerente que a Igreja deu à implantação e desenvolvimento do ensino em Portugal; ensino de todos os graus, consequentemente desde o das primeiras letras e, por aí fora, até ao superior, universitário. Esse ensino pode mesmo registar-se (e louvar-se) como vocação de algumas das Ordens religiosas que se movimentaram e movimentam em Portugal, vocação que sempre funcionou em simbiose com a religiosa, a parte mais patente e potente. Toda a gente sabe que o ensino sacerdotal, seja qual for a área, é um ensino sólido nascido já com as devidas bases e que com firmeza tem caminhado ao longo de séculos; e que é por isso, por causa da simbiose assinalada, que os seus agentes da religião em múltiplos casos foram e são também agentes de ensino. Aqui e por toda a parte aonde esses agentes puderam chegar no movimento dos Descobrimentos. Daí, também a Timor. E não se pense que os missionários, por essas partes longínquas, se deram somente ao ensino do B A BA com pressa de inoculação da mensagem cristã, a bíblica. Esta mensagem cristã estava, é claro, na meta relevante da acção, mas a pedagógica acompanhava-a de perto, melhor, mesmo conjuntamente. E o empenho na parte pedagógica era também total. Aonde se chegava, não iam os missionários/professores brincar às escolinhas. Íam mesmo para comunicar, explorando todas as vias lógicas, as vias lógicas de então, as imediatamente possíveis. E uma das vias boas era, e é, a de em simultâneo aprender. Aprender apreendendo. Vendo as coisas e fixando os seus nomes; exemplificando as acções e, nas mesmas, agarrando os seus nomes. E registando todas as palavras indígenas usando o alfabeto português. E ensinando a contrapartida portuguesa da palavra indígena. Ao mesmo tempo, buscando a mecânica da fala, a sua gramática intuitiva, o segredo das resoluções empíricas próprias, o fenómeno da frase e da conversação, a transmissão da técnica da escrita e o seu uso nos dois sentidos, quer dizer que também registo gráfico dos sons das palavras autóctones. Se não fora isso, não teria sido possível o aparecimento de um sem número de catecismos, gramáticas, vocabulários e, até, dicionários, primeiro em produção manuscrita, depois, mais tarde, em edição impressa. O que aconteceu igualmente em Timor em relação a várias das suas línguas. Todos estes trabalhos, como é de compreender, em estrutura bilingue, a língua portuguesa e a língua nativa, porque o unilíngue não serviriam de nada. A acção de mestres de ler e escrever era ordem, a generalização da ordem de D. Manuel em 1504 aos missionários que íam para o Congo, segundo registo de Damião de Gois. Que descoberta!, e que serviço!, deve ter constituído a aprendizagem e o uso da escrita. Até há bem pouco tempo era ainda corrente aparecerem dicionários bilingues suportados em língua portuguesa em Timor, Macau e em alguns países africanos de língua portuguesa, o que no Brasil ainda se continua em relação a todas as línguas ameríndias, porque sabemo-lo todos, os ameríndios, mas todos fazem parte do complexo nacional brasileiro; e o mesmo acontece em relação às línguas originais dos afro-brasileiros, de grupos étnicos variados e de que há poderosas marcas também nacionais no Brasil. No Brasil todo.

A capacidade de aprendizagem de nativos de vários continentes postos à prova face ao ensino do português demonstra bem, demonstrou desde logo, que a capacidade de todas as raças para aprender e conviver é sempre igual. A questão é que a área de aprendizagem se dinamize e progressivamente se adeque e corresponda. Examinando-se o mundo de hoje, mesmo conhecendo-se ou verificando-se as prevaricações que em muitos sítios o enfermam, reconhece-se que a capacidade de aprender é absoluta, total. E que esta capacidade, e a de equacionar e memorizar, é a mais própria dos humanos. O que é apoio à do movimento.

Em África, no Brasil, no Oriente, por toda a parte, adivinha-se mesmo que o ensino da língua portuguesa nos primórdios foi mesmo a sério. E sabe-se que em muitas partes aonde as Navegações levaram os portugueses, ou aonde os portugueses levaram as navegações, o ensino da língua portuguesa colava-se ao ensino do latim. O que não é de surpreender — embora surpreenda mesmo! —, dada a preparação dos missionários. Alargava-se o gesto real de enviar mestres de ler e escrever. Em 1513, o filho do Rei do Congo estava habilitado na língua latina da Igreja, pelo que acompanhava prefeitamente a missa. E, como se sabe, até há bem poucas dezenas de anos deste século XX a missa romana era só dita em latim. E há mais: em 1553, no Brasil, o Irmão António Blasques dava lições de latim e, em 1564, o Irmão Luís de Carvalho ensinava e comentava a Eneida. Saltando-se novamente à África, é de lembrar que uma Escola de gramática latina começou a funcionar em Cabo Verde em 1555. Por outro lado, em Goa, calcula-se o que neste aspecto e em todos os outros se tenha dado e ficado para vir a ser como a Roma do Oriente.

E em Timor, por reflexo.

Terminei; mas, de homenagem à luta, permitam-se que recite um meu breve poema:

Pedem-me
um minuto de silêncio pelos mortos mauberes

Respondo
que nem por um minuto me calarei

V Jornadas de Timor da Universidade do Porto

Bicesse, vinte e sete de Julho de noventa e três.